

Ruy na palavra do Deputado João Mangabeira

Discurso em sessão especial do Congresso

Sr. Presidente, Srs. Congressistas!

FALANDO em nome da Câmara dos Deputados e da sua Mesa, que me confiaram essa honra insigne, bem de ver eu não terei a liberdade que teria se, em meu nome próprio, vos falasse. Demais, o centenário de um grande homem é, em toda parte, um momento propício para os exageros sem limites. As exaltações da amizade ou da admiração, muitas vezes, desfiguram tanto o glorificado que só não o amesquinham no ridículo, porque a sua substância e a sua glória resistem a todos os excessos do amor, do patriotismo, da insensatez ou o mau gosto. Atribui-se-lhe, então, tudo quanto ele foi e tudo quanto ele não foi.

Não se me apagam da lembrança os minutos de constrangimento e quase angústia por que vi Ruy passar, no percurso de São Clemente à Biblioteca Nacional, no automóvel que Miguel Calmon a mim e a ele conduzia para a sua cerimônia jubilar que ali, naquela noite, se realizava.

Era que lhe anunciaram que, além de Constâncio Alves, que, pela Bahia, lhe deveria fazer a saudação, Eduardo Ramos recitaria algumas poesias de Ruy. E no automóvel, visivelmente contrafeito e apreensivo, ele, de mim e de Calmon, nos inquiria, sem que nós lhe pudéssemos responder: "Que irá o Eduardo recitar? Que idéia! Fiz poesias, como todos os moços do meu tempo. Abandonei-as. Não sou poeta. Nunca fui poeta. Nunca disse a ninguém que desejava ser poeta. Pecadinhos da mocidade. Mas se abandonei os meus versos, creio que ninguém tem o direito de revivê-los e recitá-los, embora sendo um recitador maravilhoso, como é o Eduardo. Ele e o Palma nasceram com esse dom, que só vi mais perfeito em Castro Alves".

E, no trajeto, por duas ou três vezes, interrompia o silêncio para inquirir: "Que irá o Eduardo recitar?"

E na cerimônia, quando deram a palavra a Eduardo Ramos, o que se estampava no rosto de Ruy, de revolta, de inquietação e apreensão merecia ser filmado.

Eduardo Ramos recitou, com uma arte e uma técnica realmente maravilhosa, umas estrofes melífluas ou melosas que Ruy, ainda noivo, dedicara àquela moça linda, esbelta, sorridente, despreocupada nos seus 20 anos em flor e a quem o destino reservara o papel de desempenhar a função delicada e, sobretudo difícil, de ser, por 50 anos, a grande mulher de um grande homem. Mas os versos do noivo faziam-no apreensivo, vá-

rias dezenas de anos depois, quando a sofreguidão da amizade procurava acrescentar uma faceta nova ao poliedro cintilante da sua glória. Mas, se os versos eram dissaboridos, em contraposição Ruy fizera da própria vida o mais belo poema. Porque, desde os 10 ou 12 anos, quando a cada intervenção sua em favor de um escravo seu pai lhe dizia: "Ruy, você é o advogado dos cachorros", até o impetuoso e flamejante discurso, desferido como um feixe de raios, na manhã de 27 de fevereiro de 1923, exatamente à antevéspera da morte, quando eu e outros o vimos a ele, semi-agonizante, envolto num roupão de lã, abrir com a voz quase extinta a reunião; para, pouco depois, de súbito arder, arder como nos grandes dias, em defesa da democracia, arder numa labareda intensa que lhe consumiu as últimas gotas de óleo da vida; nesse longo espaço, daqueles dias longínquos da Bahia até aquela manhã de Petrópolis, são sessenta anos de uma vida militante, em que ele foi sempre a voz impecável e gratuita das grandes causas humanas, a da democracia e da liberdade, a do direito e da justiça. No Brasil ou no estrangeiro, na representação diplomática ou no exílio, no Governo ou na oposição, no Parlamento ou nos tribunais, nas conferências acadêmicas ou nos comícios populares, por sua voz falaram sempre as grandes causas do século e os grandes sofrimentos humanos. Mas a todas essas causas ele as servia pondo nelas toda sua energia indomável, toda a sua coragem bravía, toda a profundez do seu saber, todo o rigor de sua dialética, todo o fulgor de sua palavra escrita ou falada, palavra sobre a qual Constâncio Alves e João Ribeiro diziam que a língua portuguesa atingira nêle "a sua perfeição suprema"; Silvio Romero afirmava que só tinha igual em Vitor Hugo, porque só a prosa deste como a sua, tinha todas as modulações, todos os tons, todos os aspectos" e Nabuco, de Londres, escrevia que era eia a expressão "da mais poderosa máquina cerebral do País, que levou vinte anos a tirar do minério do seu talento a temperar e a endurecer o aço admirável do seu estilo", que o tornava "o publicista, o orador, o escritor, que dominou intelectualmente a sua época". Mas Ruy nos diz que a palavra falada ou escrita não fôra para ele senão "o instrumento espontâneo da luta" e que a sua vida não se passou "na contemplação do belo, no laboratório das artes, no puro culto das letras". Não! Ele dela se serviu apenas com a "eloquência que dobra o poder das idéias", como "a beleza aparente que reflete a beleza interior". Mas, quando a beleza aparente reflete a beleza interior, quando os princípios essenciais do bem se revestem das

formas irradiantes do belo, quando a palavra não é mais um jôgo de letrados ou beletistas, no exercício estéril da arte e pela arte, mas o verbo encarnado que fixa para a imortalidade os grandes princípios humanos, a ação do homem é de si mesma poesia, e a sua vida o mais lindo poema. Ele, então, pode dizer como Vitor Hugo das "Fôlhas de Outono":

"Tout souffle, tout rayon, ou propice ou fatal,
Fait reluire et vibrer mon âme de cristal
Mon âme aux mille voix, que le Dieu que j'adore
Mit au centre du monde comme un écho sonore".

Parecia que Ruy pressentira a sua grande função central nos nossos destinos, quando, em 1909, respondendo a uma interpelação de reles politiquinhos e jornalistas escusos, cujos nomes não figuram na história, e que nem mesmo nas crônicas figuram, assim lhes replicava: "Se me perguntam qual é o meu programa, eu lhes direi que o meu programa está na minha vida". Nenhum outro homem no Brasil poderia dar essa resposta sem que incorresse, incontinenti, no ridículo. Mas Ruy, ainda assim, não foi rigorosamente exato.

Não é o seu programa, mas é a sua glória que está na sua vida. A glória de Ruy não está no escritor, não está no orador, não está no jurista, embora sob qualquer desses aspectos ninguém o iguale no Brasil; não está no seu gênio, não está no seu saber, não está na sua coragem, não está na sua capacidade de trabalho. Está na sua vida: no complexo de atos que a encarnam, que lhe dão, através das circunstâncias mais desencontradas, a uniformidade, que a define; no complexo dos atos que lhe dão, através dos elementos mais opostos, a unidade de sua vocação apostolar. E assim êle o foi, e assim êle o era, e assim êle viverá. Um apóstolo que só tivesse bênçãos e não tivesse maldições; que só tivesse mansuetudes santas, e não tivesse cóleras divinas; um apóstolo diplomático, galante com as damas e mesureiro com os poderosos; um apóstolo calculista, temeroso dos sofrimentos e desejoso dos prazeres; um apóstolo sereno, harmônico, ordenado; um apóstolo medido, acomodaticio, arrumadinho, somente num teatrinho de entremez poderia ser apresentado. E' do equilíbrio dos contrastes; é do jôgo dessas antíteses, é da síntese desses elementos opostos que emerge a fura do apóstolo, trazendo de sua inteligência, porém, muito, muitíssimo mais do que sua inteligência, do seu caráter, as marcas estranhas que o enobrecem, que o singularizam, que o projetam para o alto, como um píncaro isolado, por sobre os declives do vale ou a lhanura da plinície. E' ao apóstolo do nosso Direito, da nossa Democracia e das nossas Liberdades que a Nação hoje consagra.

Os apóstolos, como os grandes estadistas, os plasmadores de povos, através de tôdas as idades, sejam quais forem as diferenças que os separem, todos êles têm, como coluna vertebral de seu espírito, uma coerência perfeita, e tão perfeita que a mediocridade a princípio não o percebe.

Os mediocres não vêem o múltiplo no uno, na variedade de situações antagônicas, que as circunstâncias determinam, a unidade do pensamento e da ação. Não percebem a tenção constante do espírito na consecução de um objetivo. Não vêem o fio ininterrupto da vontade, firme por sobre todos os obstáculos, a serviço de um ideal, variando apenas na escolha dos instrumentos que as circunstâncias lhe oferecem e com os quais o pode realizar.

Daí serem todos os apóstolos acimados de contraditórios pela rasteirice da mediocridade que lhes enxameia aos calcanhares.

O próprio Jesus não escapou a esta pecha. Que o digam os inimigos do Evangelho.

Mas a isto Ruy, de uma feita, respondeu dessa maneira lapidar: "De todos os méritos me tenho por vazio. Mas sempre me restará dêles o mais modesto: o de ser um só de mim, para comigo mesmo. O primeiro que me encontrar entre os injustos, entre os violentos, entre os cruéis, entre os perseguidores, entre os tiranos; o primeiro que me colhêr em flagrante de esposar a causa do poder contra a justiça, da riqueza contra a miséria, da fôrça contra a fraqueza, da autocracia ou oligarquia contra a liberdade, êste terá pôsto o dedo na minha primeira contradição. O homem não se contradiz, verdadeiramente, senão quando contravém a substância de sua idéias essenciais".

Dentro delas, é evidente que êle pode variar, envolvendo, melhorando, corrigindo o próprio erro. Assim é que, em todo o curso de sua vida republicana, em todo o curso de sua vida, ora apoiando o Govêrno, ora a êste combatendo, nas circunstâncias mais desencontradas, nos perigos mais iminentes mesmo os que punham em risco a própria vida, a vocação apostolar de Ruy é da mais absoluta coerência, na defesa da liberdade e do direito!

Era essa continuidade na coerência com as idéias substanciais, era a unidade dessa vocação apostolar, que Orlando Guanabara representava num diagrama, dizendo que "a vida do grande cidadão era uma reta luminosa e traçada entre a liberdade e o direito". De fato a sua vida pode-se resumir no culto do direito e da liberdade, de que a democracia não é senão a forma política resultante da conjugação dos dois princípios. Democracia sem direito, democracia sem liberdade, democracia não é. Qualifiquem-na como quiserem. Será sempre ditadura: de um homem, de um grupo, de uma raça ou de uma classe; mas sempre o domínio do arbítrio do vencedor, apoiado na fôrça, sobre o vencido desamparado. A liberdade e o direito só existem nos países livres, em que abroquelam e garantem todos, sem exceção de ninguém, seja a minoria íntima, ou seja o individuo isolado. O mais alto momento do direito e da justiça na democracia, é quando um Govêrno, digno de um povo livre, ou um juiz, digno de seu sacerdócio, cobre com a tutela da liberdade um inimigo odioso, na propaganda de uma idéia odiada.

Era assim que pensava Ruy, nesse trecho publicado naqueles dias longínquos de sua presen-

ça na imprensa, no Governô Campos Sales, cujo histórico acaba de fazer o brilhante Senador que me antecedeu na tribuna, um dos discípulos queridos de Ruy, um dos escritores a seu respeito mais laureados. Assim falava Ruy:

“E aqui está onde reside a nossa coerência, a unidade da nossa orientação, através de um regime que a falsa educação política dos seus diretores tem arrastado para a intolerância, o exclusivismo, o horror à crítica, a intransigência com a censura, o ódio às oposições. De cada vez que uma opinião ameaçada se debata contra uma ditadura, de cada vez que a lei sofra num dos nossos semelhantes, estaremos invariavelmente a seu lado. Pouco nos importa o seu nome. Não temos nada com o seu passado. A sua impopularidade não nos demove. E' nosso inimigo? Pouco se nos dá. Tentou contra a nossa própria vida? Nada tem com isso o nosso dever público. Professa convicções inconciliáveis com as nossas? Tanto melhor. Assim justamente se assinalará com eloquência mais solene a santidade de um princípio, em cuja presença se desarmam e fraternizam as mais fundas separações pessoais. Essa a escola, caluniada, mas impoluta, deserta, mas invencível, que temos aberto, desde que as responsabilidades da Constituição atual impuseram à honra do redator desta fôlha a obrigação de mostrar que, se colaborara na transformação de um para o outro regime foi com a lisura de quem trabalha para um progresso, não com a malícia de quem arranja para os seus correligionários o monopólio inamovível de um partido”.

Eis porque, poderia dizer: “Meu programa está na minha vida”; eis porque podemos dizer: “Sua glória está na vida”. Nenhum homem, por mais dourado pelo gênio, poderia merecer de um povo a glorificação que Ruy recebe, se a sua glória não estivesse em sua vida, se a sua glória não estivesse no seu apostolado a serviço das idéias mais altas que podem honrar a espécie humana, idéias a que êle serviu não apenas com o fulgor da sua inteligência, como tantos fizeram, mas também, como nenhum entre nós o fêz, com as suas privações e as suas provações, com os seus sofrimentos e os seus sacrifícios.

E' isso que transforma Ruy, depois da sua morte, é isso que o desencarna da sua personalidade e o eleva às alturas de um símbolo. Só a um símbolo poderia a Nação render as homenagens que hoje lhe tributa. E' que, entre nós, êle se transformou no símbolo da liberdade e da democracia. E' por isso que êle está presente. A sua presença é de todos os dias. Parece que nós o vemos. E tempos houve, quando sob uma abóbada de chumbo, se transformou o arbítrio em direito e o meu nome era varrido das publicações, a Nação respirava — respirava na presença do imortal, que, segundo suas palavras, continuava “a projetar a sua sombra sôbre a situação e dominá-la como a cruz de uma divindade sepultada anunciando aos deicidas o castigo e a ressurreição”.

E a ressurreição veio para nós e para o mundo inteiro. Veio na vitória das idéias, por que êle tanto combatera, e tanto fôra combatido; veio

para o triunfo assegurado ao princípio jurídico da igualdade dos Estados; veio para a libertação dos povos colonizados; veio para a definição, a conservação e a restauração do regime democrático, pelo voto livre, na escolha livre dos dirigentes que nos hão de governar.

A vitória poderia ter tardado, mas êle a sabia eterna, e infalível. A sua grande alma de apóstolo nunca se desiluiu, nem nunca se curvou, ante as derrotas e os desenganos.

Êle próprio o disse:

“Tal o privilégio destas causas imortais. Depois de arrastadas ao Calvário e justicadas, quando a última pedra lhes parece ter selado o sepulcro, e tudo se dizia acabado, aí é que vai começar a ascensão, e amanhecer o triunfo. Pouco importa a miséria dos homens, a imoralidade da sorte, o silêncio da multidão, as friezas da indiferença, os desdêns da soberba, os conchavos do egoísmo, as glorificações da baixeza, as vitórias da crueldade. Deus arrebatava as criaturas na corrente caudalosa dos fatos, e submerge as resistências do nosso lôdo no abismo da sua Providência criadora”.

E' por isso que foi o apóstolo. Porque não há apóstolo a prestação. Não há apóstolo a prazo certo, como notas promissórias que se vencem no dia previamente fixado. O apostolado é uma condição de sua estrutura, da qual não pode abrir mão sem que se lhe quebre a uniformidade da vida. Nunca houve, em parte nenhuma, apóstolos aos pedaços. Numa semana apóstolo e na outra semana traficante. Não! Na natureza apostolar há qualquer coisa da graça pauliniana. Êle é tocado da graça do Senhor. Mesmo que êle queira deixar de ser apóstolo, não poderá. Seu sofrimento é a sua glória. A morte, sua ascensão. E' dessa massa que se fazem os Ruy, de que se fazem os Gandis, de que se fêz São Paulo. Não transige ante a morte, cuja coragem era famosa, se acobarda na defesa de Milão, ante a presença de Pompeu e das legiões. Ruy enfrenta a morte e, ameaçado de morte, passa, como dizia Tobias Monteiro, que o acompanhava, passa por uma rua de insultos e ameaças, dos insultos mais atrozes cuspidos a seus pés, e enfrenta o “habeas-corpus” Wandenkolk sabendo que a vitória lhe custaria a própria vida.

Esta, a grandeza de Ruy, isso o que torna o homem maior da nossa História e o eleva à condição de símbolo, único símbolo que temos.

Êle próprio falaria ante uma dessas derrotas que não faziam a mínima moessa à sua alma apostolar; êle próprio nos dizia:

“Minha alma é daquelas em que o dever sobrevive à esperança, e a paixão do bem substitui, com vantagem, a confiança na vitória. E' o triunfo um prêmio, após o qual, sedenta do licor capitoso, se arremessa a nossa natureza na prelibação da embriaguez. Mas o mais esquisito dos prazeres é o que Deus pôs na satisfação de abraçar a justiça condenada, condenando-nos, com ela, ao

revés antecipado. Mas a fortuna passa, o egoísmo envilece, e, afinal, duas vitórias sinistras da iniquidade, emerge o astro polar das regiões do futuro, para cujas águas profundas, para cujos abismos cristalinos, para cujas imensidades silenciosas, bendito seja o Criador por nos ter dotado com o instinto divino de lançar a âncora da fé”.

Este o segredo do apóstolo ter firmeza, ter fé. Eis por que a glória de Ruy está na sua vida, nos exemplos que nos ofereceu, nos conselhos que nos deu, nas lições com que nos doutrinou. Ele próprio o disse com verdade absoluta:

“Ensinei com a doutrina e o exemplo, mas ainda mais com o exemplo do que com a doutrina, o culto e a prática da legalidade, as normas e o uso da resistência constitucional, o desprezo e o horror da opressão, o valor e a eficiência da justiça, o amor e o exercício da liberdade”.

Esta a lição que nós, brasileiros, conservamos. Um estadista não é sobretudo o que constrói bens materiais; é o que plasma a consciência de um povo, é o que insufla no seu espírito o sopro divino das grandes resistências para a defesa da liberdade e do direito. Triste dos povos mergulhados nas glórias materiais! Triste de povos tais, sujeitos à conquista do primeiro aventureiro ou à opressão do primeiro ditador.

Essa, a glória de Ruy: sua glória está na sua vida. Não vou fazer a análise das suas campanhas cívicas, que estão em vossas consciências e que acabam de ser lembradas pelo Senador maranhense que há pouco deixou esta tribuna. Todas elas têm a mesma nota, aquela com que, em 85, rompendo com o chefe do seu Partido, dêle divergindo, e acusado de estar fazendo a desunião no Partido Liberal, exclamava, numa das conferências abolicionistas:

“Muito vale a união do meu partido; muito mais vale, porém, a união de minha consciência com a consciência do país”.

Desde 85 — para fixarmos uma data histórica — se fez completamente, até hoje, a união da consciência de Ruy com a consciência nacional. O que resta em nós de amor ao direito, de devoção à liberdade, de inspiração democrática, de confiança no futuro, de horror à opressão, de desprezo pelas ditaduras, de repúdio à violência, foi dêle que nos impregnamos, é daquela torrente que tudo isso dimana “como água que corre da água que já correu”.

Não irei fazer, aqui, a análise de Ruy como escritor, como orador ou como jurista. Como escritor, ainda pretendo demonstrar, apoiado na opinião dos críticos mais eminentes, que, na sua prosa, a língua portuguesa atingiu a suprema perfeição. Cotejarei, trecho a trecho, dos mais escolhidos, de Machado de Assis, de Nabuco, de Euclides da Cunha, de Raul Pompéia com os de Ruy e, então, se verá que nenhum, como êle, tinha a abundância, a força, a grandeza, o brilho, a eloquência, a pureza. E quando quer, o encanto, a

doçura, a suavidade. E, ao mesmo tempo a ironia e o sarcasmo.

Poderia estudar Ruy como orador. Mas, nesta qualidade, em todo o curso da história humana, nem Vieira, mas somente Cícero lhe pode suportar o confronto. É a mesma pureza de língua, a mesma perfeição das gradações, o mesmo jôgo das antíteses, o mesmo luxo verbal, o dono da côr e da música na língua francesa, que permite dizer de Cícero ou Ruy, aquilo que Lemaitre diz de Vitor Hugo: “O rei da palavra, a universalidade dos conhecimentos do seu tempo, a sua presença no Parlamento e no fóro, tudo isso, tudo isso torna Ruy o émulo de Cícero, há mais de dois mil anos de distância.

Mas, Ruy não teve algumas das eivas que macularam Cícero. A veemência, rigor, se quiserem, a violência das suas apóstrofes prendeu à imortalidade alguns dos seus competidores ou dos seus agressores.

Mas, fôsse qual fôsse a análise que fizesse da personalidade, fôsse qual fôsse a violência da agressão ou da defesa, êle nunca empregou aquela “eloquência canina” de que falava Apius e de que Cícero tantas vêzes usou e abusou. Na defesa de Célio, Cícero cobre Cledic de insultos inomináveis e depois de acusá-la de incesto com o próprio irmão, di-la concubina de todos os homens; e em seguida, meretriz não só desavergonhada, mas, desavergonhadíssima.

Era uma amostra do que havia de fazer na segunda filípica, onde escancara a vida de Marco Antônio, exposta aos olhos de praça, nessa segunda filípica, que Juvenal qualifica de divina, Juvenal o poeta, que Martha, nos “Moralistas Romanos”, diz que pregando a moral espavoriza o pudor; mas que Vitor Hugo, no seu livro sobre Shakespeare, classifica entre os quatorze gênios da humanidade.

Já mostrei no incidente de Milão e no incidente de Wandenkolk a diferença da vocação apostolar entre o romano e o brasileiro.

Como jurista, incontestavelmente não se pode comparar aos grandes juristas-filósofos do século passado, sobretudo na Alemanha; mas dentro do Brasil, ninguém com êle pode competir. Nem Teixeira de Freitas e Lafayette, para citar os maiores — influíram tanto na preservação e no desenvolvimento do sentimento jurídico no ânimo do nosso povo, como Ruy no curso do seu apostolado. É que Teixeira de Freitas e Lafayette não viveram, como Ruy a vida dramática do Direito, do Direito em pugna, do Direito lutando, do Direito resistindo, do Direito sangrando, no fóro, na imprensa, no Parlamento, nos comícios e, às vêzes, no tablado, numa espécie de luta romana contra a injustiça e contra a opressão.

Mas se tudo isso êle fôsse — e tudo isso êle foi — não bastaria tudo isso para o transformar num símbolo, porque tudo isso seriam qualidades isoladas do homem. Sua glória é sua vida; e sua vida é a unidade de seus atos, através de sessenta anos, vencendo todos os obstáculos, numa linha firme como ninguém no Brasil jamais pos-

suiu, e como raramente na humanidade se tem possuído, para consecução do ideal com sacrifício de todos os interesses pessoais.

E' isso, ao meu ver, que torna grande a vida de Ruy. E é por isso que a sua glória está na sua vida.

Em 92, retalhado de injúrias, atassalhado de calúnias na defesa do Governo Provisório, cujo pára-raio êle era, no dizer de Quintino Bocaiúva, Ruy apelava do "ódio para a verdade, das facções para a Nação, da confusão contemporânea para a serenidade luminosa do futuro".

A Nação de há muito já proclamou a sua sentença definitiva. Condecorou-o, laureou-o, prestou-lhe tôdas as reverências que se prestam aos filhos mais gloriosos.

Mas ainda era pouco. Ruy ainda não se havia transformado em símbolo. E' feliz da nação que tem um símbolo. Não um símbolo de opressão, mas um símbolo de direito; não um símbolo de fôrça, mas um símbolo de justiça; não um símbolo de guerra, mas um símbolo de paz.

Ruy é o nosso símbolo. Êle apelou para a serenidade luminosa do futuro. De 92, até sua morte, trinta anos se passaram; e ao responder a

Tobias Monteiro, numa carta de 93, em que dizia não aceitar a direção do Jornal do Brasil, afirmava: "Estou cansado de injustiças e de calúnias. Quero paz e paz". Não era chegada, todavia, a hora da paz. Tinha êle ainda de fazer trinta anos de apostolado. Trinta anos eram precisos para que êle se desencarnasse de sua personalidade, subisse às alturas de símbolo, nessa região sagrada, onde os que nela penetram têm alguma coisa de divino.

Renan, creio que no seu discurso de recepção na Academia Francesa, de antemão parece responder a Ruy, quando dizia: "A paz habita exclusivamente nas alturas, e é subindo, subindo sempre, que a luta se torna harmonia, e a coerência dos esforços humanos atinge a luz suprema da glória, que é o único bem da vida, que não é de todo ilusão e vaidade". Foi subindo sempre, que a luta de Ruy se tornou harmonia; que êle atingiu a luz suprema da glória, que é a única coisa no mundo que não é ilusão e vaidade. Mas a paz das alturas êle a tem agora, nos atos com que a Nação o eleva às regiões divinas de símbolo, símbolo das nossas tradições e das nossas esperanças!

* *
*

"O homem público é o homem da confiança dos seus concidadãos, o de quem êles esperam a ciência e o conselho, a honestidade e a lisura, o desinteresse e a lealdade; é o vigia da lei, o amigo da justiça, o sacerdote do civismo. Não pode ser o composto de uma tribuna e uma alcova, de uma escola e um balcão, de uma pena e uma gazua, de uma consciência e u'a máscara. Só assim estará na condição de inspirar fé aos seus concitadãos; e, se na fé consiste a crença, na fé a segurança, na fé a salvação, ninguém põe a sua fé senão onde tenha a convicção de se achar a verdade". Ruy, *A imprensa e o dever da verdade*, pág. 53.

* *
*

"Só na hipótese extrema de não ser absolutamente possível dar às palavras da lei sentido útil, expressão eficaz, se reconhece ao aplicador o direito de considerar escusada, ociosa, redundante uma cláusula legislativa. Tais vícios nunca se supõem. Tôdas as presunções da boa hermenêutica militam contra a idéia de redundância ou superfluidade na linguagem do legislador". Ruy, *Demissão de curador geral de órfãos*, Rio, 1916, págs. 102-3.

* *
* *

"Outra interpretação não podia ter, com efeito, o vocábulo *concurso* na disposição controvertida. O concurso não é senão um exame de capacidade, em que certo número de candidatos exibem simultaneamente as suas provas de aptidão para o preenchimento de cargos dependentes de mérito profissional. O ventilar-se essa capacidade mediante arguição recíproca entre os pretendentes, ou mediante a arguição dêles por examinadores investidos na função de apurar-lha, não lhe varia senão acessoriamente a natureza. Demonstração da competência intelectual, apurada em concorrência pública ante os juizes legais: eis o concurso. Êste pode existir, até, sem o exame, isto é, sem arguição dos candidatos, uma vez que a lei admita critérios equivalentes para a aferição do valor intelectual, mediante a apresentação simultânea e o estudo comparativo dos caracteres que o certifiquem. E' assim que, na linguagem técnica do assunto, o concurso se classifica em *concurso por exame e por títulos*".